

# A (RE)CONSTRUÇÃO MEMORIALÍSTICA DE ROMA E MOGADÍSCIO EM *MINHA CASA É ONDE ESTOU*, DE IGIABA SCEGO

## *THE MEMORIALISTIC (RE)CONSTRUCTION OF ROME AND MOGADISHU IN MY HOME IS WHERE I AM BY IGIABA SCEGO*

Leonardo Vianna  
UFRJ

**Resumo:** O presente artigo pretende investigar a relação entre memória, identidade e espaços urbanos. Na narrativa autobiográfica *Minha casa é onde estou* (2018), da escritora afro-italiana Igiaba Scego, é empreendida uma verdadeira cartografia da memória por meio dos espaços urbanos de Roma e de Mogadíscio, capital somali. Scego discute contatos e trocas culturais, o passado colonial na Somália, o racismo na Itália contemporânea. Para tal discussão, utilizaremos as reflexões sobre memória de Halbwachs (1990) e Candau (2019); sobre identidade, além de Candau, que estabelece um diálogo entre memória e identidade, nos valeremos das reflexões de Stuart Hall (2019); por fim, contaremos com Tuan (1980) e seu conceito de topofilia quando discutirmos as relações afetivas do sujeito com o espaço no seu entorno. Igiaba Scego é uma das principais vozes da contemporaneidade a (re)pensar uma Itália multicultural e plurirracial a partir da tríade memória, espaços urbanos e identidade.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Espaços urbanos.

**Abstract:** This article aims to investigate the relationship between memory, identity and urban spaces. In the autobiographical narrative *La mia casa è dove sono [My Home Is Where I Am]* (2018), by the Afro-Italian writer Igiaba Scego, a true cartography of memory is undertaken through the urban spaces of Rome and Mogadishu, the Somali capital. Scego discusses cultural contacts and exchanges, the colonial past in Somalia, racism in contemporary Italy. For this discussion, we will use the reflections on memory by Halbwachs (1990) and Candau (2019); on identity, in addition to Candau, who establishes a dialogue between memory and identity, we will use the reflections of Stuart Hall (2019); finally, we will rely on Tuan (1980) and his concept of topophilia when we discuss the subject's affective relationships with the space around them. Igiaba Scego is one of the main contemporary voices to (re)think a multicultural and multiracial Italy based on the triad of memory, urban spaces and identity.

**Key words:** Memory. Identity. Urban Spaces.

## ESPAÇO E MEMÓRIA: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Igiaba Scego é uma das vozes da contemporaneidade italiana que chama atenção para os efeitos do colonialismo sobre ex-colonos e seus descendentes que vivem na Itália: um deles, por exemplo, é o privilégio dado a uma educação europeia/ocidental em detrimento da cultura local. O sujeito colonizado estuda a cultura do colonizador e é alienado da sua própria; mas mesmo dentro da Itália, há aqueles que desconhecem os horrores que o colonialismo italiano infligiu, ignorando-se completamente a sua história.

O discurso memorialístico presente em Scego não está, portanto, restrito a uma ordenação das memórias pessoais, mas justamente é coletivo porque frequentemente mobilizam-se memórias familiares que sofreram direta ou indiretamente devido ao colonialismo italiano. O exercício realizado pela sua escrita é o de trazer a discussão sobre o passado colonial italiano que envolveu, além dos italianos, os africanos que ficaram sob o seu regime de exploração.

Além da identidade, a memória é um tema que a escritora com frequência discute em seus livros. Nos seres humanos, a memória tem um papel fundamental na construção de saberes, transmissão da tradição de um povo através de suas práticas culturais. Importante também recordar que cabe à memória pavimentar o terreno sobre o qual constrói-se a identidade do sujeito, isto é, ela possui um papel de suma importância na formação da identidade humana (CANDAUI, 2019).

A identidade forma-se por meio da alteridade, ou seja, do contato com o outro; Seguindo esse mesmo raciocínio do confronto, podemos dizer que somos quem somos hoje porque contrastamos um eu do presente com um eu do passado. Por mais conflitantes que sejam essas identidades do sujeito, a memória é o fio que conecta tais identidades “convivem” em um mesmo sujeito.

Embora seja mais comum as discussões sob uma perspectiva individual da memória, é importante ressaltar que a memória é, sobretudo, coletiva. O filósofo e sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) afirma que nossas lembranças permanecem coletivas, mesmo que se tratem de acontecimentos aos quais só nós estivemos envolvidos, pois na realidade raramente estamos sós, ou seja, são essenciais as relações sociais que construímos ao longo da vida para a construção de uma memória coletiva. No entanto, no prefácio ao volume de Halbwachs, Jean Duvignaud esclarecerá o seguinte sobre a memória individual:

Certo, a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (HALBWACHS, 1990, p. 14)

A narrativa de Scego se constrói em um circuito entre memória individual e memória coletiva, em que ambas estão intrinsecamente relacionadas aos espaços urbanos romanos e de Mogadíscio que ela evoca ao longo dos capítulos da narrativa autobiográfica *Minha casa é onde estou*,

buscando a estabilidade identitária.

Na perspectiva de Yi-Fu Tuan (1980), os sentimentos experimentados pelo sujeito são mais difíceis de serem expressos se estiverem relacionados a um lugar “por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.” (TUAN, 1980, p. 107). Ou seja, o geógrafo chinês sublinha, por meio do conceito de *topofilia*, que o espaço físico pode provocar no sujeito sensações estéticas e afetivas que justifiquem o apego do sujeito ao espaço. Nesse sentido, podemos afirmar que constituem uma tríade memória, espaço físico e identidade – sobre a qual discutiremos mais detidamente adiante –, servindo como interessante chave de leitura para *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego.

O geógrafo afirma, porém, “topofilia não é a emoção humana mais forte” (TUAN, 1980, p. 107) e que devemos ter em mente que o lugar ou meio ambiente, na realidade, é “o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 1980, p. 107). No entanto, para o autor, é possível que o meio ambiente não venha a ser a causa direta da topofilia, mas fornece os estímulos sensoriais que dão forma às nossas ideias e afetos, assim: “os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (TUAN, 1980, p. 129).

Uma outra informação importante que Tuan traz em seu estudo relaciona os sentidos humanos – tato, olfato, paladar, visão e audição – à capacidade de experimentar sentimentos pelo espaço. A partir disso, então, podemos afirmar que a paisagem é uma construção multissensorial, podendo ser, por exemplo, uma paisagem sonora (*soundscape*) ou uma paisagem olfativa (*smellscape*), porém o principal sentido que utilizamos é o da visão:

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar. Que órgão do sentido seja mais exercitado, varia com o indivíduo e sua cultura. Na sociedade moderna, o homem tem que confiar mais e mais na visão. (TUAN, 1980, p. 12-13)

Na obra que analisaremos adiante, fica evidente o papel predominante da construção paisagística e das memórias intermediadas pelo sentido da visão. O que não significa que cheiros e sons, por exemplo, não contribuam para a criação da paisagem. Relevante lembrar que o ponto de partida para as descrições e reflexões que Igiaba faz de todos os lugares romanos e de Mogadíscio é um jantar em família, um evento por si só multissensorial.

## **ROMA E MOGADÍSCIO: MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Sobre essa narrativa autobiográfica de Scego, é importante dizer que tudo inicia de um encontro informal e desprezioso na casa do irmão e da sua cunhada, em Londres. Come-se, reúne-se a família e conversa-se sobre trivialidades após o jantar. Em uma disputa entre um primo

e o irmão sobre o local do enterro da avó, um dos sobrinhos de Igiaba sugere que se desenhe o Mogadíscio. O menino recebe de ambos uma resposta negativa, mas, da tia Igiaba, recebe um sim. O irmão, o primo e narradora-personagem decidem traçar no papel uma Mogadíscio que não existia mais, pois foi destruída na guerra civil.

As primeiras linhas traçadas são de Maka al Mukarama ou, segundo Scego, “um evento [...] a artéria pulsante de Mogadíscio, sua coluna vertebral” (2018, p. 19). Essa rua comprida que atravessava a cidade de Mogadíscio, capital da Somália, apesar da guerra, ainda existe, mas perdera a vida: “é um fantasma [...]. Não é animada pelo alarde das buzinas, pela algazarra dos dromedários [...]. Agora, os únicos sons são surdos e estrondosos: ordens e balas; silêncio e morte” (2018, p.19-20).

É a partir dessa artéria que já não bombeia mais vida que o trio elenca nomes de lugares e de monumentos: o primo O. – como é conhecido ao longo de toda a narrativa – rememora a estátua de Xaawo taako, o antigo parlamento, o teatro e o cinema Xamar e os amigos que frequentavam esses espaços urbanos. As memórias contadas pelo primo causam impressão em Igiaba, pois vivificam aquilo que já não existe mais, pois, segundo a autora, as cidades também morrem (SCEGO, 2018):

Morrem como os gnus, as zebras, os bichos-preguiças, as ovelhas e os seres humanos. Mas ninguém nunca faz um funeral para uma cidade. Ninguém fez o funeral de Cartagena. Ninguém o fez para Nova Orleães. Ninguém o fez para Cabul, Bagdá ou Porto Príncipe. E ninguém nunca pensou em fazê-lo para Mogadíscio. Ela morreu. E algo diferente surgiu dos escombros. Nem tivemos tempo de elaborar o luto. Quando uma cidade morre, não lhe dão nem o tempo para pensar. Mas a dor é um cadáver, decompõe-se dentro de si e lhe infesta de fantasmas. (SCEGO, 2018, p. 21-22)

A relação de Igiaba com a cidade, seja ela Roma ou Mogadíscio, é algo que merecerá a nossa atenção ao longo deste artigo; aqui, a experiência da/na cidade ganha relevantes e interessantes contornos, posto que serão mediados pela memória e as sensações. Sobre isso, segundo Kanashiro, leitora de Tuan, afirma: “por muito tempo, tem-se dado mais ênfase aos aspectos visíveis no ordenamento dos espaços, porém os invisíveis, capturados pelos sentidos, muitas vezes de maior intensidade emocional, também devem ser considerados” (2003, p. 159).

Em outro momento, o irmão mais velho desenha um ponto no papel e o primo adivinha o que aquela marcação representava: a escola primária Guglielmo Marconi. O primo, além disso, lembra da professora, uma freira italiana chamada Maria que adorava Giovanni Pascoli. O nome do poeta decadentista serve como ponto de contato entre o primo e a narradora, que cresceu em Roma, pois também havia conhecido Pascoli na escola e então passa a refletir sobre as relações de poder existentes e desiguais no campo da educação. Enquanto dominação militar, política e cultural, o colonialismo ocidental – aqui, em especial, o exemplo italiano – impôs aos povos que foram subalternizados o conhecimento do cânone ocidental (leia-se europeu), ao mesmo tempo que não reconheceu/ como conhecimento os saberes dos povos colonizados:

Tínhamos crescido em dois países diferentes, eles em Mogadíscio, eu numa periferia de Roma, e tínhamos lido Pascoli. Os mesmos poemas tristes. Feiuras da história. Talvez tanto eu como ele devíamos ter lido outras coisas: a nossa história africana, por exemplo. Mas, pelo contrário, os africanos sempre tiveram que estudar a história dos outros. E assim nos convencíamos de que éramos descendentes dos romanos ou dos gauleses e não dos iorubás e dos antigos egípcios. A escola colonial semeava dúvidas e dilacerações na gente. (SCEGO, 2018, p. 23)

Embora Mogadíscio não tenha sido a cidade onde Igiaba crescera, as férias escolares com frequência eram lá, junto da família, por esse motivo que entre os três, ela era a que havia mais dificuldade para lembrar. O exercício de lembrar das ruas, dos hospitais, restaurantes, praças e demais espaços urbanos era custoso, sobretudo quando se viu tais espaços na infância. No entanto, a narradora não se furta a esse papel, pois “naquele mapa havia uma parte das minhas raízes” (SCEGO, 2018, p. 24). Após relembrar os lugares e as pessoas que viviam ali, as experiências vividas naquele lugar, a narradora chega à seguinte conclusão:

A Itália estava por todos os cantos nas ruas, nos rostos dos mestiços renegados. E a Itália não sabia nada daquilo, não sabia das nossas ruas com os seus nomes, dos nossos mestiços com o seu sangue. Na Itália, algumas ruas têm os nomes da África. Em Roma, há até o bairro africano. Na rua Líbia, te dirá algum romano, há belas lojas de roupas, pode-se fazer um bom negócio. E depois? Depois nada. Vão para rua Líbia comprar um moletom. Vivem na rua Migiurtinia ou beijam-se na rua Somália. Mas ignoram a história colonial. Não é culpa deles: não se aprendem essas coisas na escola. Fomos bons, dizem, construímos pontes e fonte. O resto ignora-se, porque não é ensinado. (SCEGO, 2018, p. 24-25)

O exercício que Igiaba e seus parentes fazem para recriar Mogadíscio no papel é interrompido por um dos sobrinhos que pergunta à autora, provocando-lhe um desconforto, se aquela era a sua cidade. Sua mãe, ao notar os apuros da filha devido àquela inocente pergunta, lhe diz, misturando o italiano com a língua somali, que não bastava desenhar o mapa para tornar sua aquela cidade. Confusa, a narradora afirma que “estava em uma encruzilhada” (SCEGO, 2018, p. 27), metáfora muito comum para representar a condição dos filhos de imigrantes. Esses indivíduos formam sua identidade sob o signo de uma instabilidade muito particular, pois nasceram/cresceram em uma interseção de minimamente dois mundos: o estrangeiro, que os “acolheu”, mas que constantemente os marginaliza e os enxerga como “outros”, e o dos pais, que também os trata de maneira diferenciada justamente por não terem nascido/crescido nele. Nesse sentido, quais são as marcas de instabilidade deixadas nas identidades desses sujeitos? Sobre a sua identidade, a narradora-personagem se questiona:

Por que aquilo me acontecia?  
Sou o quê? Quem sou?  
Sou negra e italiana.

Sou também somali e negra.  
Então sou afro-italiana? Ítalo-africana? Segunda geração? Geração incerta? *Meel kale*? Um estorvo? Negra sarracena? Negra Suja?  
Não é politicamente correto chamá-la dessa forma, sussurra alguém da sala de roteiro. Então, como você me chamaria?  
Ok, entendi, você diria de cor. Politicamente correto, diz. Para mim, é humanamente insignificante. Qual é a cor da sua graça? Preto? Ou mais para marronzinho? Canela ou chocolate? Café? Cevada em xícara pequena?  
Sou uma encruzilhada, eu acho. Uma ponte, uma equilibrista, alguém que está sempre no limiar e nunca está. No fim, sou somente a minha história. Sou eu e os meus pés. (SCEGO, 2018, p. 28-29)

A dificuldade de afirmar sua identidade baseada no pluralismo cultural é uma das condições que atravessa os que imigraram para a Europa. Seus filhos, que nasceram e/ou cresceram em um país que não é o de origem dos pais – como o caso de Igiaba, tanto a autora quanto a narradora da obra, que nasceu em Roma –, não encontram situação melhor. Essa dificuldade de encontrar conforto e estabilidade enquanto sujeito é algo que está marcado inclusive na linguagem, como pudemos observar no trecho supracitado. Observa-se que as culturas italiana e somali mesclam-se nesse trecho, o sujeito filho da condição diaspórica faz referência a uma identidade não monorracial ou monocultural, mas birracial e multicultural, sendo, portanto, um sujeito cultural híbrido. Nota-se esse hibridismo cultural a partir do uso na linguagem de expressões aparentemente antitéticas como “negra e italiana”, “afro-italiana”, “ítalo-africana”. No entanto, recordemos que, para Hall (2019), as identidades nacionais surgiram como expressões de “uma etnia” e de “um povo”, embora a Europa ocidental e seus Estados-nação sempre tenham sido constituídos por várias etnias e por vários povos:

Uma forma de unificá-las [as identidades nacionais] tem sido representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais.* (HALL, 2019, p. 36, grifo do autor)

Sobre a identidade italiana, porém, é importante fazer um breve comentário: os povos meridionais que historicamente eram representados como exóticos, pouco civilizados e violentos. Foram dominados pelo processo de unificação política – capitaneado pelo Reino Sardo-piemontês – na segunda metade do século XIX. A cultura e os costumes dos meridionais foram estigmatizados, instaurando-se uma polarização Norte *versus* Sul que até os dias de hoje ainda persiste.

A unidade nacional não nasce como um ponto de lealdade e união simbólica entre os diferentes povos da península para a criação do Reino da Itália, mas sim de uma hegemonia cultural

“italiana”, que se localiza no Norte da península, uma hegemonia setentrional dos vencedores que suplantara – embora não tenha apagado – as culturas meridionais durante a Unificação Italiana. O homem do Norte seria aproximado ao homem germânico ou anglo-saxão, por meio de estereótipos como a seriedade, o trabalho, a contingência etc., ao passo que ao homem do Sul seriam atribuídas imagens como a preguiça, a indolência, a luxúria, a violência. Essas imagens estão presentes em discursos políticos, relatos de viajantes e na literatura produzida do século XIX.

Sobre Mogadísio, embora Scego não tenha nascido lá, a memória da infância que conserva da cidade e de seus espaços urbanos lhe traz segurança e, para todos os efeitos, a sensação de que aqueles lugares possuíram algum papel na sua formação identitária:

Eu não nasci naquelas ruas. Não cresci nelas. Não foi lá que me deram meu primeiro beijo. Nem me desiludiram profundamente. Mesmo assim, sentia que aquelas ruas eram minhas. Eu as havia percorrido e também reivindicado. Reivindicava os becos, as estátuas, os poucos postes. Eu também tinha algo em comum com o primo O. e com Abdul. Claro, a experiência deles e a minha não era comparável. Mas eu reivindicava aquele mapa de forma enérgica, como reivindicarei meu último dia de vida. Aquela Mogadísio perdida era tão minha quanto deles. Era minha, minha, minha. (SCEGO, 2018, p. 31)

Meses após a construção do mapa, a narradora-personagem, de volta ao lar romano, decide colar ao redor do mapa desenhado vários *post-it* com nomes de bairros, praças e monumentos romanos. Roma e Mogadísio, com isso, estariam sobrepostas, finalmente unidas em um laço afetivo pela memória da narradora. Nesse sentido, vale ressaltar que alguns lugares descritos são interessantes para análise deste artigo como a praça Santa Maria sobre Minerva e a estação Termini.

A praça, que está entre umas das preferidas da narradora, é “um refúgio perfeito para quem está triste ou quer ficar sozinho e refletir” (SCEGO, 2018, p. 53) – e talvez tenha sido por esse motivo que a autora tenha escolhido especificamente essa praça para servir de lugar onde a protagonista Adua do romance homônimo senta-se para refletir sobre sua vida. Ao contar o episódio do roubo dos tubos de um órgão – que ficava dentro da igreja que compartilhava o mesmo nome da praça – e do seu consecutivo incêndio, ela nota paralelos entre esse roubo e o roubo da memória das mulheres:

Sua história sempre me faz pensar na memória de nós, mulheres. Que também é queimada, silenciada, deturpada. Apesar dos horrores cometidos na nossa pele, nós, mulheres, tivemos força para superar a infame tradição do silêncio. Nossa língua é o código do nosso coração pulsante. Em meu mapa, marco um colar de corações. Por todas as mulheres que estão tomando a palavra, apesar de mil dificuldade. Para minha mãe, que sempre soube tomá-la quando necessário. Pela minha escrita de hoje, que muito deve àquelas vozes de coragem. (SCEGO, 2018, p. 54-55)

A memória aqui é coletiva, assim como a voz de Scego: ela não fala apenas por si, mas por

todas as mulheres que foram subjogadas – e ainda hoje o são – pelo patriarcado que lhes impôs ao longo dos séculos o silêncio. No trecho em questão, a narradora não faz uma diferenciação entre mulheres brancas e não brancas, no entanto, é importante notar que, no caso das mulheres que foram racializadas (as africanas, as aborígenes, as indígenas da América), à opressão machista associa-se o racismo que desumaniza seus corpos.

Na praça de Santa Maria sobre Minerva há também um obelisco egípcio sustentado por um elefantinho esculpido por Bernini: símbolos africanos no coração de uma praça romana. O elefante, de acordo com Scego, “[...] é somali. Tem o mesmo olhar dos exilados. E também a mesma irreverência” (SCEGO, 2018, p. 54). Reconhecer na estátua um olhar familiar, provavelmente o dos seus pais, e dos somalis na diáspora, é uma característica de sua identidade somali: os somalis da diáspora compartilham de uma história comum. Uma memória de quando Scego ainda era criança relaciona àquele espaço sua mãe:

Lembro-me de que perguntei a ela: “Mas estamos na Somália?” [...] Mamãe deu risada. Disse que não, que ainda estávamos em Roma. Minha confusão durou alguns dias. Então Roma está na Somália? Ou a Somália está em Roma? Aquele elefantinho africano na cidade confundia todas as minhas certezas.

Com o tempo, descobri que aquele elefantinho tem o mesmo olhar da minha mãe. Não pode voltar, não pode saciar a sede da sua angústia. O exilado é uma criatura dividida. As raízes foram arrancadas, a vida foi mutilada, a esperança eviscerada, o princípio separado, a identidade despida. (SCEGO, 2018, p. 55)

No trecho citado percebemos que Igiaba faz uma relação entre exílio, identidade (que fora despida) e memória (as raízes arrancadas). O exilado, como afirma a autora, é um ser dividido, entre a terra da qual fora obrigado a sair e a que não lhe acolhe, aquela onde o exilado não se sente em casa; embora vivendo por muitos anos fora do seu país de origem, a sociedade de chegada não lhe integra, empurrando-o para a margem. Os filhos dos imigrantes, tendo nascido ou não no país de asilo, não vivem uma condição menos complexa: continuam sendo marginalizados, embora tenham acesso à saúde e à educação (ainda que precária) do país onde nasceram ou em que seus pais se estabeleceram. O racismo e a xenofobia lhes impedem os direitos humanos mais básicos, como o direito à dignidade e ao trabalho, diante de um cenário instável, suas identidades, portanto, vivem igualmente sob o signo constante da instabilidade.

A paisagem urbana e tudo o que a constitui (praças, ruas, avenidas, esquinas, prédios, escolas, hospitais, pedestres e motoristas etc.) se constrói “por si mesma, em razão da natureza, efeitos do tempo e apropriação impensada” (NEVES & SOBRAL, 2019, p. 55). Além disso, é importante

[...] na paisagem urbana [...] também perceber os símbolos da cidade, a relação desses símbolos com os sentidos e o processo recursivo de trocas entre homem/cidade e a cidade/homem configurando dessa forma uma paisagem comunicativa urbana com um sentido urbano. (NEVES & SOBRAL, 2019, p. 55)

O elefante de Bernini e o obelisco certamente constituem esse processo de troca ao qual os autores se referiram, uma comunicação que se estabelece entre Igiaba/cidade e cidade/Igiaba. Uma comunicação que, sem dúvida, é bastante efetiva dada bagagem intercultural da autora e que, talvez, não seja tão efetiva quando um dos interlocutores não tenha tanta familiaridade ou conhecimento sobre o continente africano. Nesse sentido, podemos dizer que a paisagem urbana é sincrética, na medida em que mistura “símbolos locais, regionais e globais” (NEVES & SOBRAL, 2019, p. 55) e faz com que as fronteiras entre comunicação e cultura sejam dissolvidas.

Uma característica dos somalis, de acordo com a autora, são as histórias: “[...] se vocês se aproximarem de uma somali ou de um somali, é isso que vão receber: histórias. Histórias para o dia e histórias para a noite. Para vigília, para o sono... para os sonhos” (SCEGO, 2018, p. 56). E a primeira história que a própria autora nos conta é justamente a história de sua mãe, das suas memórias infantis com a genitora na Roma da década de 1970. Sobre as dificuldades encontradas no parto da pequena Igiaba, a autora nos relata o que sua mãe lhe dissera: “Disse-me que havia uma greve dos funcionários do hospital naquele dia. Do trabalho de parto em terra estrangeira, mamãe se lembra da frieza dos enfermeiros, da solidão e da falta de experiência de quem a atendeu” (SCEGO, 2018, p. 56).

Não bastasse o sofrimento por ter sido obrigada a se exilar da Somália ao lado do marido, há ainda o relato da solidão, da falta de cuidados que recebera no hospital e ainda da falta de experiência no atendimento recebido durante o trabalho de parto. Em contraste a esse relato sobre o seu nascimento, está a história do nascimento de seus irmãos mais velhos, na Somália; lá, diferentemente da Itália, “todas as mulheres ao seu redor lhe sorriam para que o trabalho de parto fosse menos pesado e para acompanhá-la com doçura em sua nova função”, além disso, em Mogadíscio, “as parturientes ficavam de repouso: as demais mulheres da comunidade ajudavam a dupla mãe-bebê. Por quarenta dias, vivia-se mimada e servida [...]. Naqueles quarenta dias, ela forjava um contato com a sua nova criatura” (SCEGO, 2018, p. 57).

A gravidez, na Somália, era entendida localmente como “uma forma de conhecimento” e embora o “choque do nascimento” fosse devastador para mãe e filho, tudo era compensado “por aquele período repleto de doçura. As mulheres agraciavam as parturientes com o seu tempo e os seus cuidados” (SCEGO, 2018, p. 57). Refletindo sobre a mulher grávida no mundo ocidental, a mãe de Igiaba estranha a frieza com que as mulheres são tratadas no momento do parto:

Mamãe sempre se perguntou: “Mas aqui, onde está o tempo das mulheres?” E volta e meia refletia: “Se isso é o progresso, eu não gosto. Quero uma vida diferente”. Na Somália, há defeitos enormes como montanhas, mas os somalis sabem como acolher uma criança. É você quem coloca um filho no mundo, mas é a comunidade inteira que se ocupa dele. Não é uma escolha solitária, mas coletiva. Cada rebento é abraçado por mil mãos. Apesar de todas as dificuldades da guerra e da imigração, ainda é assim entre os somalis. Um filho nunca é uma questão individual. (SCEGO, 2018, p. 58)

A mãe, logo após o parto da autora, fora obrigada a remodelar o seu futuro, e ao afirmar isso usa de termos e expressões ligados ao campo da geografia: “Pela terceira vez, mamãe teve que *remapear* sua vida. [...] Não reconstruir, não renovar, mas sim *remapear*. *Traçar uma nova geografia*. *Precisava traçar novas linhas, novas margens*, outras parábolas. O espaço ao redor mudava novamente” (SCEGO, 2018, p. 58, grifo nosso).

Ao relacionar memória e identidade (a sua e de sua mãe), Scego (2018) opera de acordo com os seguintes termos de Candau (2019):

Quando um indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade de seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original. O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo. Por essa razão a totalização não é uma soma, contrário do que se acredita o narrador. Através de “efeitos de iluminação” narrativos, o locutor ilumina episódios particulares de sua vida, deixando outros na sombra. (CANDAU, 2019, p. 76)

Ao iniciar o capítulo da praça Santa Maria sobre Minerva contando sobre uma história comum entre mulheres, Scego traça esse paralelo entre si e sua mãe, o espaço que evoca tais recordações é a praça, em Roma. Sua memória não é individual, pois está intrinsecamente relacionada às suas relações sociais (com a mãe, por exemplo), mas também coletiva (posto que fala de si, de sua mãe e dos somalis da diáspora). A memória, no entanto, não é totalizante, pois obtivemos acesso apenas a seus fragmentos que são rememorados e outros mantidos nas sombras dos narrados. Remontando ao pensamento de Halbwachs (1990), Candau (2019) afirma que o trabalho da memória não é individual e que o relato enquanto ato de rememoração se modifica em função da sociedade. Por fim, sobre identidade e memória, Candau (2019, p. 77), afirma ser impossível “dissociar os efeitos ligados às representações da identidade individual daqueles relacionados às representações da identidade coletiva” e que muitas de nossas lembranças “existem porque encontramos eco a elas”.

Com relação ao capítulo em que a narradora se dedicará à estação Termini, a narradora o inicia com uma dúvida sobre o nome Termini e afirma que sempre havia pensado que significasse “meta final” ou “fim de viagem”, mas que viera a descobrir que deriva de uma deformação da expressão latina *thermae*, em referência às Termas de Diocleciano nas proximidades. Enquanto um lugar que interliga a cidade através dos trens, metrô, ônibus, lugar de fluxos de chegadas e partidas, não apenas um lugar de fim de uma viagem, Termini é a encruzilhada em que convergem Roma e Mogadíscio.

Antes, porém, de afirmar que é um ponto em que Itália e Somália convergiam, a narradora relembra uma tragédia humanitária que ocorrera em outubro de 2013: pescadores italianos encontraram um barco nas proximidades da ilha de Lampedusa, no Sul da Itália, com 15 sobreviventes e 13 somalis mortos. Convidada por uma prima para o funeral na praça do Campidoglio, organizado pelo prefeito de Roma a pedido da comunidade somali, a autora recorda com afeto aquela manifestação de luto que uniu os “rostos da minha diáspora” e os “muitos

italianos presentes que vieram nos abraçar, beijar, confortar” (SCEGO, 2018, p. 95). Uma época distante emocionalmente do momento presente da enunciação, pois no período reportado “as pessoas ainda sabiam se indignar. As pessoas ainda não tinham perdido toda a ternura” (SCEGO, 2018, p. 95).

No momento em que Scego recorda aquele funeral, no entanto, os italianos haviam perdido aquela ternura e compaixão: “Parecemos todos paralisados. A Itália firmou um acordo petrolífero com a Líbia e por isso fecha os olhos para as atrocidades cometidas pela parte doente da sociedade líbia” (SCEGO, 2018, p. 96). Atrocidades essas chamadas de “campos de concentração”, nome que ao ser pronunciado aparentemente não causa tanta comoção por justamente não se encontrar em território europeu.

Sobre essa ausência de indignação quando a barbárie não é em solo europeu, Aimé Césaire discorreu em *Discurso sobre o colonialismo*, publicado em 1950. Para o intelectual martinicano, a violência empregada no mundo colonial era legítima porque o outro não era sujeito, mas objeto. Ao transplantar para a Europa práticas que no mundo colonial não eram exceção, mas a regra, Hitler escandalizou a todos não tanto pela bárbara violência, já conhecida e praticada pelas potências imperiais, mas pela possibilidade de submeter as nações europeias por meio da mesma violência que empregaram durante séculos de dominação colonial (CÉSAIRE, 2010).

Com relação à escolha do local para o funeral dos imigrantes mortos, foi escolhida a Praça do Campidoglio, em Roma, mas a narradora não se mostra muito satisfeita com tal escolha. Para ela, o funeral deveria ser um lugar mais apropriado, a estação Termini, e explica seus motivos por preferir essa estação:

A Piazza del Campidoglio era uma honraria sem par. Mas, pela lógica, pela minha lógica, aquele funeral deveria ter sido feito na Stazione Termini, naquele grande espaço entre a bilheteria, a loja da Nike e a livraria Borri. Aquele teria sido o lugar certo. O único lugar que se poderia chamar, de fato, de casa, em Roma. O único lugar realmente somali na capital. O único que nos acolheu e nos chamou de irmãos e irmãs. (SCEGO, 2018, p. 97)

A estação entrou na vida de Scego e nas dos outros somalis da diáspora pois ali era um ponto de encontro na década de 1970 dos que haviam conseguido fugir da ditadura de Siad Barre:

Muitas das minhas fotografias de infância foram feitas lá. [...] Estamos [Igiaba e o pai] na via dei Mille onde ainda há o hotel Archimede. Nos anos de 1970, os somalis desciam todos para o Salus ou para o hotel Archimede. E às vezes meu pai me levava para cumprimentar os amigos exilados que haviam fugido com ele da ditadura de Siad Barre e ficavam sempre num daqueles dois hotéis. Eram senhores e senhoras distintos. Traços finos e voz educada. Pessoas que ainda tinham muita sede pelo futuro. E não queriam afastar-se demais de casa. Então, Termini lhe dava a impressão de que Mogadíscio estivesse virando na primeira curva. Bastava pegar um trem e voar pelos trilhos de um sonho. (SCEGO, 2018, p. 98)

Enquanto centro da vida dos somalis exilados, a estação Termini era a interseção entre um passado que mesclava a luta de muitos que conseguiram concretizar na independência somali nos anos 1960, o presente no exílio em Roma e a possibilidade de um regresso futuro para uma Somália livre da ditadura. Mesmo após o fim da ditadura de Barre no início dos anos 1990, o país mergulhou em uma guerra civil pelo poder entre diversas facções; Termini, enquanto um espaço urbano romano, tornou-se também somali pelas pessoas que ali se encontravam:

[...] Termini virou outra coisa: um microcosmo de vida e de morte; uma galáxia de afetos; um amigo querido do qual não se pode prescindir; um inimigo ruim e amargo. Termini te amava e desprezava. Termini era uma esperança, mas também o apocalipse. Em Termini, é possível se encontrar ou perder-se para sempre. Para muitas pessoas da diáspora somali, conhecer Roma não era a prioridade. [...] Lá era o centro de tudo para os somalis. Lá começava a verdadeira vida. Por isso, para muitos conhecidos meus, bastava ter um conhecimento básico de Roma. O lugar em que se dormia, onde se trabalhava e Termini, onde tudo acontecia, onde a vida te abraçava e te cuspiam na cara. Roma, para muitos, nem importava. A única estrela verdadeira era aquela estação maltrapilha. (SCEGO, 2018, p. 98)

A estação Termini, nesse sentido, enquanto um espaço urbano romano é um ponto de conexão não só entre passado e presente, mas entre outros dois lugares: Roma e Mogadíscio. Pode-se viajar para a antiga pátria através das conversas, dos cafés, dos rostos dos exilados. De acordo com Halbwachs, “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p.51). Ou seja, a memória individual da narradora aqui serve apenas como uma perspectiva para enxergar a memória coletiva na qual aquela está inserida – a dos somalis em condição diaspórica.

Relacionando afeto e espaço, Tuan (1983) afirma que a familiaridade cria desprezo ou afeição; Termini, para Igiaba Scego, em diferentes momentos da sua vida, transitou entre um polo e outro: quando criança, Scego detestava aquela estação, por aparentemente lhe impedir de fazer coisas normais que as outras pessoas faziam – como passar férias na praia ou ir ao centro da cidade para fazer compras. No entanto, após um tempo, os sentimentos negativos que associava à estação mudaram:

Demorei um pouco para entender aquele lugar, até não odiá-lo mais. Por anos, senti-me ameaçada pela cara de dor e esperança que Termini carregava consigo. Eu queria ser diferente dela. Eu a percebia como um obstáculo para a minha formação. Eu ainda não sabia que uma vida tranquila não poderia prescindir dela. Porque lá estava o princípio. Porque lá estava enterrado o meu cordão umbilical. No México, há uma lenda que diz que a casa é o lugar em que se extrai a nutrição antes do nascimento. Então, talvez a minha casa fosse a Estação Termini. O começo que eu não deveria esquecer. (SCEGO, 2018, p. 100)

Segundo Tuan, a “consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (1983, p. 114). Foi a partir dessa tomada de consciência que a narradora passou a não mais desprezar o local e a ele se afeiçoar. Do impedimento da sua formação enquanto sujeito para chave fundamental para a estabilização da sua identidade, a estação Termini é um lugar revestido de um poder simbólico que reverbera sobre os exilados – e particularmente sobre Igiaba – e lhes traz um mínimo de conforto e esperança no futuro para suas identidades partidas pelo trauma do exílio. Além das muitas lojas de produtos e serviços que podem ser encontrados há “a mercadoria mais preciosa que se encontra na estação”: as conversas (SCEGO, 2018, p. 101).

As marcas do exílio são sentidas inclusive no seio familiar dos Scego: Igiaba e sua família foram para Roma, mas na Somália havia ficado o irmão da autora, sendo criado por uma tia. Só conseguiram levá-lo para a Itália quando ele já se aproximava da maioridade, no entanto, ele fora o primeiro a tomar como suas as ruas no entorno da estação Termini, a aceitá-las e sentir-se à vontade naquele local. Aprendera o italiano com dificuldade, a escola não estava preparada para lidar com um aluno como ele, de acordo com Igiaba (2018). No entanto, ela relembra que um dos momentos mais difíceis para ele e sua família foi o serviço militar obrigatório:

Eu e ele nos tornamos cidadãos italianos porque éramos filhos menores de idade do papai que, em algum momento nos anos 1980, obtivera a cidadania. Estávamos muito contentes. Podíamos votar, expressar nossa voz, nossas vísceras. Ter aquele pedaço de papel nas mãos nos fazia sentir mais seguros, não tínhamos mais medo de olhar as pessoas nos olhos. Se alguém ousasse nos dizer “preto sujo”, em vez de aguentar calados, respondíamos à altura. [...] Imagine ser o único negro numa caserna. Pense no primeiro dia, nas crueldades dos *nonni*. Imagine as punições que você leva por não estar no seu lugar. [...] Como lanceiro de Montebello, também montava guarda no Quirinale. No primeiro dia, mamãe e eu fomos vê-lo. Os turistas japoneses não conseguiam acreditar. Um italiano negro e ainda por cima militar. (SCEGO, 2018, p. 103-105)

Em vários momentos da narrativa, e este é um deles, Scego questiona a identidade italiana que presume a tez branca. Nesse e em outros trabalhos, a autora empreende uma discussão sobre a armadilha de uma identidade nacional monorracial e como esta concepção é totalmente equivocada e presunçosa. A península italiana, desde os mais remotos tempos, fora entreposto em que vários povos, das margens do Mediterrâneo e além, se encontraram e trocaram riquezas, pessoas e, sobretudo, culturas. Em recente artigo de jornal sobre essa Itália pretensamente monorracial e monocultural, Scego se manifesta nos seguintes termos:

A Itália está no centro do Mediterrâneo. Isto é, no meio de tráfegos, conquistas, atravessamentos, misturas. Eu sempre a vi mestiça, crioula, mediterrânea. Um país muito distante de ser de apenas uma cor ou uma religião. Infelizmente, desde a unificação política, uma unidade muito frágil, a Itália é vista como um apêndice precariamente colado à Europa, um pedaço de terra que, de um momento a outro, podia cair em direção às profundezas, ou seja, em direção àquela África

considerada inferior, sem história. A Itália não quis ser uma ponte entre a Europa e a África e viveu mais de 150 anos com a síndrome de ter que mostrar à Europa que é europeia, imaculada, pura. Branquíssima. (SCEGO, 2020, on-line)

Da mesma forma que uma identidade italiana não pressupõe ser de apenas uma raça, a paisagem italiana, para usar os termos empregados pela própria autora, é igualmente mestiça. Roma, *caput mundi*, foi não só o centro da vida política dos césores ou das grandes obras públicas e de arte da Renascença e do período do Barroco, mas também é o lugar em que é possível vislumbrar a África, através de ruas, praças e outros espaços urbanos – muito embora negue qualquer relação com o continente.

## CONCLUSÃO

Da prosa de Scego transbordam espaços urbanos como praças, ruas, cruzamentos, monumentos etc. Tais construções expressam a vontade humana de deixar marcas no espaço, para melhorá-lo (pensando o espaço urbano como utilitário à vida do homem) ou embelezá-lo; seja como for, tais espaços estão carregados de várias histórias, de memórias. Tratando-se dos espaços da urbe romana, Scego os relaciona a espaços urbanos de Mogadíscio, conectando-os através da memória (sua e do seu povo), enlaçando-os, mostrando suas semelhanças, contrastando suas diferenças, com a finalidade de encontrar uma estabilidade identitária.

A Itália nega seu passado colonial em territórios africanos, porém quando não o nega, defende-se que o seu colonialismo não foi tão bárbaro quanto o francês ou o britânico. *Italiani brava gente*, é o estereótipo pelo qual os italianos são (re)conhecidos. Afirma-se que construíram pontes, estradas, monumentos, levaram a civilização aos africanos, mas omitem-se os gases tóxicos, as torturas, as mortes, o racismo. Scego é uma das vozes da contemporaneidade italiana que faz questão de relembrar os horrores do colonialismo italiano, assim como repensa as identidades do sujeito migrante e de seus filhos que vivem, muitas vezes, nas ex-metrópoles imperiais. Identidade, memória (individual e coletiva) e espaço, nesse sentido, fornecem-nos uma chave de leitura para as obras da autora.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, J. *Memória e Identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CÉSAIRE, A. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

KANASHIRO, M. A cidade e os sentidos. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 7, p. 155-160, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3051>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

NEVES, T. & SOBRAL, G. Os sentidos da cidade. *Revista Verso e Reverso*, v. 33, n. 82, p. 49-57, 2019. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2019.3382.05/60746941>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SCEGO, I. *Minha casa é onde estou*. Trad. Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

\_\_\_\_\_. Come gli italiani hanno imparato a far finta di essere bianchi [on-line], 2020, Disponível em: <<https://www.editorialedomani.it/idee/commenti/come-gli-italiani-hanno-imparato-a-far-finta-di-essere-bianchi-q5yll1s4>>. Acesso em 29 dez. 2020.

TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. DIFEL. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial, 1980.

**Leonardo Vianna**

---

Doutorando em Letras Neolatinas (UFRJ) e Mestre em Letras Neolatinas (UFRJ). Além disso, é professor de língua e cultura italianas do Istituto Italiano di Cultura do Rio de Janeiro, além de ministrar cursos livres para A Capivara Cultural e Lugar de Ler, ambos em São Paulo.